

Escola Nacional de Artes e Ofícios no Mosteiro da Batalha

# Mestres de cantaria para o futuro

Poucas escolas no mundo podem orgulhar-se de ter instalações como a Escola Nacional de Artes e Ofícios Tradicionais da Batalha. O Mosteiro de Santa Maria da Vitória, ou Mosteiro da Batalha, acolhe actualmente cerca de 90 alunos, apostados em revitalizar as artes tradicionais. Aliás, a confiança dada pelo Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), que cede as instalações, é também visível nas recentes autorizações que dá aos alunos para que desenvolvam as suas Provas de Aptidão Profissional, substituindo algumas peças destruídas do imponente Mosteiro. Confiança na formação ministrada, nos alunos, no Mestre Canteiro que os orienta e no acompanhamento dos trabalhos pelos conservadores do Mosteiro.

A Escola nasceu em 1992, por Contrato-Programa celebrado entre o Programa de Artes e Ofícios Tradicionais, a Câmara Municipal da Batalha, o Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e ao Investimento (IAPMEI), o então intitulado Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional (GETAP) do Ministério da Educação e o Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR).

O curso de Mestre de Cantaria - Técnico Empresário, com duração de três anos e equivalência ao 12º ano, foi o primeiro a ser ministrado



Trabalhos realizados por alunos do curso Mestre de Cantaria, expostos no Claustro do Mosteiro da Batalha

nesta Escola. “De uma forma geral, posso afirmar que alguns alunos escolhem este curso porque é uma forma de completarem o 12º ano”, lamenta Luís Jordão, Director da Escola. “É preciso não esquecer que estamos a falar de uma profissão algo desconhecida e que, muitas vezes, nem sequer faz parte do vocabulário dos jovens. Sabem o que é um chip, um mega byte, um disco rígido, mas um canteiro é um espaço para colocar flores! Acredito que muitos vêm por arrasto e acabam, ou por se apaixonar pela actividade, ou por detestá-la. Não há um meio termo. A

maioria tem-se apaixonado”, congratula-se.

Ao terminarem o curso os alunos podem optar por quatro vias. Uma delas é o ingresso no ensino superior, embora essa não seja a principal vocação da Escola. “O investimento que fazemos nesta área tem em vista o exercício quase imediato da profissão. Mas é bom, e até certo ponto emblemático para a Escola, que alguns se especializem na área da escultura ou das artes plásticas, o que tem, efectivamente, acontecido nalguns casos”, sublinha Luís Jordão.

Parte dos alunos optam, por outro lado, por fazer parte de equipas de conservação e restauro, “não obstante sermos uma escola de canteiros, e não de restauro de cantaria. Mas a formação que adquirem permite-lhes desempenharem um importante papel nessas equipas de restauro, que integram historiadores, biólogos, químicos e, claro, canteiros”. Alguns dos alunos que já concluíram o curso estão a desenvolver importantes trabalhos de conservação no Mosteiro da Batalha.

Outros ainda, integram-se em empresas já existentes.

Uma outra vocação da Escola de Artes e Ofícios da Batalha é a formação de jovens empresários, dinamizadores de microempresas enquadradas neste específico sector de actividade. Para tal, criou uma Unidade de Inserção na Vida Activa (UNIVA), que desenvolve todo o trabalho de encaminhamento dos alunos no processo de criação de estruturas empresariais. “Está provado que o futuro da economia de um país assenta muito na microempresa. Além disso, este é um dos concelhos do nosso país com menor taxa de desemprego, o que constitui um incentivo, um bom ponto de partida para os alunos que aceitam o desafio de criar o seu próprio negócio”, acredita Luís Jordão.

Para formar jovens empresários, a Escola aposta não só na componente prática do curso, mas também na formação teórica ao nível da gestão empresarial. Das 1200 horas de formação anual, 50% são constituídas por vertente prática e as restantes 600 horas por formação teórica. “Para organizar a sua microempresa, o formando tem que,

obrigatoriamente, possuir conhecimentos de ordem técnica, do domínio do saber fazer, mas também do saber gerir. Não formamos contabilistas, mas pessoas com capacidade para dar resposta às necessidades contabilísticas de uma empresa desta dimensão”, acrescenta o director da Escola.

A maioria dos alunos estão, efectivamente, a trabalhar na área para a qual foram formados, “alguns como desenhadores, outros como técnicos, mas estão quase todos ligados à pedra”. A própria Associação

contribuem para a credibilização e valorização dos seus alunos. A primeira grande intervenção teve lugar na Alemanha, em Setembro de 1997. “Fomos convidados para fazer parte de um grupo de trabalho, durante um mês, para restauro de umas janelas góticas do Mosteiro de Bentlage, em Rheine. Foi uma experiência que deu grande força à nossa Escola, devido à exigência de trabalho por parte dos alemães que dirigiam a obra”, recorda o nosso interlocutor.

Actualmente, está em fase de



Aula prática do Curso Mestre de Cantaria - Técnico Empresário

Portuguesa dos Industriais de Mármore, Granitos e Ramos Afins (ASSIMAGRA), mostrou-se recentemente interessada em celebrar um protocolo com a Escola, para que os alunos finalistas possam realizar estágios em contexto de trabalho, nas empresas suas associadas. “É fundamental que os alunos tenham num horizonte próximo perspectivas de saídas profissionais”, sublinha Luís Jordão. Um outro acordo em vias de ser firmado tem em vista a formação de base conjunta, com a Escola Profissional de Capelas, nos Açores. Actualmente, dois jovens formados na Escola da Batalha estão já a ministrar formação na área da cantaria, nesta escola açoreana.

O sucesso da Escola deve-se também às inúmeras intervenções que tem realizado, e que

conclusão a reconstrução da abóbada da Igreja de Nossa Senhora da Gaiola, em Corte, que teve início há dois anos. “São mais de 100 metros de ogiva, nove fechos com cerca de 600 quilos cada, tudo isto colocado a 12 metros de altura. É uma obra que envolve canteiros, engenheiros, arquitectos e um mestre carpinteiro que fez um trabalho notável ao nível das estruturas”.

Vários pórticos de igrejas da região têm sido recuperados pelos alunos, e até a Ponte da Boutaca, na Batalha, está a ser parcialmente reconstruída pelos futuros Mestres Canteiros, devido a um acidente rodoviário que destruiu parte das grelhas desta ponte, datada do séc. XVI.

Imperativa, para conclusão do curso, é a realização de uma Prova de Aptidão Profissional (PAP), que



deve retratar toda a aprendizagem desenvolvida ao longo dos três anos de formação. *"A PAP exige um trabalho de investigação histórica da*



Luis Jordão, Director da Escola Nacional de Artes e Ofícios Tradicionais da Batalha



Alfredo Ribeiro, Mestre Canteiro e Professor na Escola

*peça que vai ser construída, de análise da pedra a utilizar, o desenho, o projecto, o molde, o orçamento... enfim, reúne um conjunto de matérias que resulta num trabalho sem o qual o aluno não conclui o seu curso",* refere Luís Jordão.

Motivo de orgulho para alunos e professores foram os resultados alcançados na edição de 1999 do Concurso Nacional de Formação Profissional, promovido pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional, no qual dois alunos alcançaram os dois primeiros lugares. Os responsáveis pela Escola estão confiantes de que estes alunos vão trazer um bom resultado da final mundial, que terá lugar no Canadá.

Para a valorização dos alunos, muito tem contribuído a complementaridade entre as matérias leccionadas pelos professores responsáveis pelas disciplinas teóricas, e pela prática ensinada pelo Mestre Alfredo Ribeiro.

Há mesmo quem diga que ninguém conhece o Mosteiro da Batalha como este homem de 67 anos. Foi ali criado e os canteiros da família vão, pelo menos, até à 5ª geração. *"Estamos numa zona privilegiada para se começar a aprender. O calcário que se encontra na zona centro pode ser bastante homogêneo, macio, semi-rígido, duro, enfim, escolhemos a pedra que queremos trabalhar. É uma pedra que ajuda o aluno a fazer um trabalho que, em pouco tempo, já é visível. Em contrapartida, é uma matéria-prima com grandes exigências em termos de qualidade e perfeição do trabalho",* refere Alfredo Ribeiro.

As aulas teóricas são agora ministradas em instalações cedidas pela Câmara Municipal da Batalha e as aulas práticas no Mosteiro, uma exigência do significativo aumento do número de alunos.

Actualmente, e para além do curso de Mestre de Cantaria - Técnico Empresário, a Escola Nacional de Artes e Ofícios Tradicionais da Batalha oferece um curso inovador em Portugal: o Curso de Lojista - Técnico de Comércio Tradicional. *"É um curso que se insere no âmbito da revitalização de um ofício: a arte de saber vender, a arte de contactar. Fizemos uma proposta ao Ministério da Educação, que foi aprovada, baseada*

*num trabalho desenvolvido pelo Programa de Artes e Ofícios sobre as lojas tradicionais. Hoje, o curso está já no segundo ano de funcionamento e a ter algum sucesso",* refere Luís Jordão. Também nesta área, os alunos terminam o curso com a qualificação profissional de Nível 3 da União Europeia, equivalente ao 12º ano de escolaridade. Este ano, os formandos estão já a realizar estágios em contexto de trabalho, começando a pôr em prática a componente teórica adquirida.

A aguardar a altura oportuna para arrancar está o Curso de Vitral, já aprovado pelo Ministério da Educação. *"Apesar de em Portugal não encontrarmos muitos vitrais, pensamos que é importante despoletar este curso, perfeitamente integrado nesta área",* justifica o Director da Escola.

Em conjunto com os Arquivos Distritais nacionais, está ainda a ser ultimada uma proposta para um curso de Recuperação de Livro e Cartografia Antiga. *"A nossa principal preocupação é propôr e desenvolver cursos que tenham sempre como base a filosofia da revitalização das artes e dos ofícios tradicionais. As escolas que o extinto Programa de Artes e Ofícios Tradicionais deixou têm como obrigação manter essa filosofia",* conclui Luís Jordão. ■



Aluno numa aula prática de cantaria